


eduser

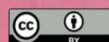
Uso de álcool por crianças e adolescentes
em Tarrafal de São Nicolau - Cabo Verde
Use of alcohol by children and
adolescents in Tarrafal of São Nicolau -
Cabo Verde

CÉLIA RODRIGUES, LUÍSA MIRANDA, CARLOS MORAIS

ISSN 1645-4774 | e-ISSN 2183-038X

<https://www.eduser.ipb.pt>

 **ipb** INSTITUTO POLITÉCNICO DE BRAGANÇA
Escola Superior de Educação



eduser

Uso de álcool por crianças e adolescentes em Tarrafal de São Nicolau - Cabo Verde Use of alcohol by children and adolescents in Tarrafal of São Nicolau - Cabo Verde

CÉLIA RODRIGUES¹, LUÍSA MIRANDA², CARLOS MORAIS³

¹Instituto Politécnico de Bragança, a45004@alunos.ipb.pt

²Instituto Politécnico de Bragança, <http://orcid.org/0000-0002-7553-6059>, lmiranda@ipb.pt

³Instituto Politécnico de Bragança, Portugal

Centro de Investigação de Estudos da Criança, Universidade do Minho, <http://orcid.org/0000-0003-0537-0652>, cmmm@ipb.pt

RESUMO: São muitas as variáveis que intervêm na educação das crianças e dos adolescentes em contexto escolar. No entanto, existem outras variáveis fora deste contexto que têm influência nas condições de aprendizagem, entre as quais, o uso precoce de álcool. Assim, com este artigo pretende-se identificar, por um lado, indicadores no contexto de vida das crianças e adolescentes propícios ao uso de álcool e, por outro, as perceções sobre o conhecimento, os efeitos, as motivações, as influências e a sua relação com o uso do álcool. O estudo é, essencialmente, de natureza quantitativa com características descritivas e interpretativas. Os resultados foram obtidos por questionário a partir de uma amostra de 55 crianças e adolescentes de duas escolas, uma do ensino básico e a outra do ensino secundário. Desses sujeitos, 24 já experimentaram álcool (grupo 1) e 31 nunca experimentaram (grupo 2). Dos resultados destaca-se que a média das idades é superior no grupo que experimentou álcool, o número de sujeitos que reprovou, pelo menos uma vez, é também superior neste grupo e a mãe é o encarregado de educação mais representativo em ambos os grupos. Relativamente ao grupo que já experimentou álcool salienta-se que a maioria experimentou álcool em festas e em casa na companhia de amigos/colegas, as bebidas utilizadas foram cerveja, ponche, vinho e licor. Os principais motivos que levam as crianças e os adolescentes a usar álcool são estar curioso(a), querer divertir-se, ter prazer, ser aceite e ficar bem com os amigos.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Crianças; Adolescentes; Consumo de álcool; Bebidas alcoólicas.

ABSTRACT: There are many variables involved in the education of children and adolescents within a school context. However, there are other variables outside this context that influence learning conditions, including the early use of alcohol. Thus, this article aims to identify indicators within children and adolescents' lives that are conducive to alcohol use, as well as the perceptions about knowledge, effects, motivations, influences and their connection to with alcohol use. The study is essentially quantitative in nature, with descriptive and interpretive features. The results were obtained by means of a questionnaire from a sample of 55 children and adolescents from two different schools, a primary school and a secondary school. Of these subjects, 24 had already tried alcohol (group 1) and 31 had never tried it (group 2). From the results, it is highlighted that the average age is higher in the group that tried alcohol, the number of subjects who failed at least once is also higher in this group and the mother is the most representative guardian in both groups. Regarding the group that has already tried alcohol, it should be noted that most of the subjects tried alcohol at parties and at home, in the company of friends/colleagues, the drinks used were beer, punch, wine and liquor. The main reasons that lead children and adolescents to use alcohol are curiosity, wanting to have fun, having pleasure, and being accepted and getting along with friends.

KEYWORDS: Education; Children; Adolescent; Underage drinking; alcoholic beverages.

1. Introdução

Dos muitos aspetos que podem condicionar a educação das crianças e adolescentes em Cabo Verde sobressai o uso precoce de álcool. O consumo de álcool está profundamente enraizado nos hábitos das pessoas em Tarrafal de São Nicolau, incentivado por diversos fatores culturais, sociais, geográficos e económicos que favorecem a circulação desregulada, o fácil acesso e o consumo nocivo, pondo em risco a saúde e o bem-estar das pessoas.

A escolha desta problemática justifica-se pela perceção da tendência do uso de álcool em idades cada vez mais precoces e pelo facto de uma das investigadoras desenvolver a sua atividade profissional em Cabo Verde na área da educação para a saúde, podendo os resultados deste estudo serem úteis na compreensão de uma situação concreta, uso de álcool por crianças e adolescentes em contexto escolar, e contribuir de forma fundamentada para a sua resolução, de modo a servir de base para o desenvolvimento de programas e projetos eficazes de educação para a saúde na promoção do bem-estar do público alvo. Neste estudo procura-se analisar a problemática do uso precoce do álcool, bem como conhecer fatores que influenciam crianças e adolescentes em Tarrafal de São Nicolau, Cabo Verde a consumirem álcool. Assim, os principais objetivos do estudo são:

- Identificar indicadores no contexto de vida das crianças e adolescentes propícios ao uso de álcool;
- Identificar a perceção das crianças e adolescentes sobre a sua relação com o uso de álcool;
- Identificar quais são as principais motivações e por quem são influenciadas as crianças e os adolescentes para usarem álcool;
- Avaliar a perceção das crianças e dos adolescentes sobre o conhecimento que têm do álcool e das suas consequências;
- Avaliar a perceção das crianças e dos adolescentes sobre a relação que as suas famílias têm com o álcool e quais são as bebidas alcoólicas que consomem com maior frequência.

Os indicadores a considerar que podem ter interesse para compreender as razões que levam as crianças e os adolescentes a usarem álcool são as idades, retenções na evolução escolar, número de pessoas com quem vivem, relação com os progenitores e características dos encarregados de educação. Também é interessante compreender a relação das crianças e dos adolescentes com o álcool depois destes terem experimentado o seu uso, nomeadamente, idade com que tiveram a primeira experiência com álcool, contexto em que experimentaram o consumo de bebidas alcoólicas, pessoas com quem estavam quando fizeram essa experiência, bebidas com que experimentaram e como as crianças e os adolescentes têm acesso às bebidas alcoólicas.

O artigo para além da Introdução, está organizado nos seguintes tópicos principais: Contextualização teórica, Metodologia, Resultados e Conclusões, terminando com as Referências bibliográficas.

Na Introdução apresentam-se os pressupostos do estudo e sua pertinência, bem como os objetivos do estudo. Na Contextualização teórica abordam-se teorias, conceitos e processos suportados por contribuições teóricas e perspetivas sobre o desenvolvimento da temática. No tópico Metodologia caracteriza-se o estudo em função dos objetivos da investigação, salientam-se os procedimentos desenvolvidos para a concretização dos objetivos, caracteriza-se a amostra, os instrumentos e as técnicas de recolha de dados. No tópico Resultados apresentam-se os resultados da investigação, sua discussão, análise e interpretação. No tópico Conclusões apresentam-se os principais resultados obtidos, bem como algumas considerações sobre o estudo realizado. Termina-se com as Referências bibliográficas apresentadas nos termos das normas da revista.

2. Contextualização teórica

O uso de álcool por crianças e adolescentes é um problema que merece a maior atenção de Professores e Educadores e de todas as instâncias associadas à educação e às políticas educativas de cada país. Neste sentido, Baldwin et al. (2022) referem que, apesar de existirem políticas implementadas globalmente relacionadas com o uso de álcool, a revisão de literatura sobre o assunto encontra investigações limitadas que examinaram efetivamente os impactos da política de controle do álcool em crianças e adolescentes. Acrescentam que a revisão de literatura atual identificou que o impacto da política de álcool em crianças e adolescentes variou nos últimos anos e destacam necessidade de se avaliar mais o impacto das mudanças reais nas políticas relacionadas com o álcool em crianças e adolescentes.

O consumo de álcool em idades cada vez mais precoces é uma tendência global. Segundo Jackson et al. (2013), beber álcool durante a infância pode ser um marcador de diferenciação no que diz respeito ao risco futuro do consumo de álcool pelas crianças, salientando que são necessárias investigações para testar prospectivamente a continuidade entre os atributos de risco do álcool existentes no meio em que a criança vive e o uso de álcool no futuro.

Estudos sobre o consumo do álcool em meio escolar em vários países do mundo, confirmam que o uso de álcool tem início antes dos 15 anos de idade. A prevalência do uso do álcool por jovens situa-se na ordem dos 50%-70%, com notável diferença entre sujeitos do sexo feminino e sujeitos do sexo masculino (World Health Organization [WHO], 2018).

Para Gommans et al. (2017) existem associações entre a popularidade dos adolescentes e os seus comportamentos de consumo de álcool, referindo que os adolescentes veem o álcool como algo que aumenta seu status, acrescentando que imitando os comportamentos de beber de colegas considerados populares, os adolescentes esperam ganhar a sua própria popularidade.

A nível mundial o álcool é a substância psicoativa mais consumida e simultaneamente a droga de eleição entre crianças e adolescentes (Jernigan & WHO-Management of Substance Dependence Team, 2001).

O álcool está presente numa grande variedade de bebidas, entre as quais, cervejas, vinhos e cidras, sendo a substância mais comumente usada por estudantes em todo o mundo. Em média, cerca de um em cada quatro jovens de 13 a 15 anos relatou ter usado álcool nos últimos 12 meses, diferindo o nível e o padrão de uso de álcool entre países e regiões (UNESCO, 2017).

Mustonen et al. (2021), num estudo que envolveu 2290 adolescentes dos 15 aos 16 anos, concluíram que a primeira intoxicação alcoólica dos adolescentes até aos 14 anos está associada a transtornos provocados por uso de substâncias proibidas, enquanto a primeira intoxicação alcoólica até aos 12 anos foi associada a qualquer desordem psíquica. Com base nesses resultados recomendam que se desenvolvam estratégias gerais e focadas, para prevenir intoxicações alcoólicas que devem ter como alvo os adolescentes o mais cedo possível para reduzir a probabilidade de uso posterior de substâncias que possam provocar transtornos de saúde mental.

De acordo com o Ministério da Saúde de Cabo Verde (2012) num documento designado por Plano Nacional de Desenvolvimento Sanitário 2012-2016, o consumo abusivo de álcool, para além de ser um fator de risco para várias doenças crónicas, tem consequências, tais como distúrbios mentais e comportamentais, mortes violentas e incapacidades por acidentes de trânsito ou por agressões, violência doméstica, absentismo e incapacidade para o trabalho, consumo de avultados recursos de saúde para a reparação em regime de internamento de problemas de saúde provocados pelo consumo de álcool.

O consumo nocivo do álcool matou 3 milhões de pessoas em 2016. O álcool causa por ano uma em cada 20 mortes. Mais de três quartos dos óbitos ocorreram entre os homens (Organização das Nações Unidas [ONU], 2018).

Para Kuntsche e Kuntsche (2019), a partir de um estudo realizado com crianças dos 3 aos 6 anos, o risco de consumo de álcool na adolescência é enraizado na infância, mas as evidências científicas sobre a origem do consumo precoce de álcool são escassas. Os mesmos autores referem que quando as crianças estão frequentemente rodeadas por adultos consumidores de álcool, podem ter a impressão de que o consumo de álcool é um comportamento humano comum, o que pode colocá-las em risco de iniciação precoce ao consumo de álcool e posterior consumo de risco.

Cabo Verde não foge à tendência generalizada de uso precoce do álcool. Embora, sejam escassos os estudos e não existam dados sistematizados sobre o consumo de álcool em crianças e adolescentes no país, um estudo levado a cabo por Faustino et al. (2005), intitulado “A saúde e o estilo de vida de adolescentes cabo-verdianos frequentando o ensino secundário”, revelou que 39,6% dos jovens inquiridos tinham experimentado álcool, dos quais 53,5% eram sujeitos do sexo masculino e 27,7% sujeitos do sexo feminino. Ainda, de acordo com este mesmo estudo, aos 13 anos, 28,8% dos adolescentes já tinham experimentado álcool, dos quais 14,8% já se tinham embriagado de uma a três vezes. Aos 15 anos, 37,8% tinham experimentado e 21,8% já tinham estado embriagados de uma a três vezes e nos maiores de 16 anos 55,2% já tinham experimentado álcool, dos quais, 31% tinham estado embriagados de uma a três vezes.

Atendendo aos dados do 1.º Inquérito Nacional sobre a prevalência de consumo de substâncias psicoativas na população geral, realizado pela Comissão de Coordenação do Combate às Drogas [CCCD] e pelos escritórios das Nações Unidas Contra as Drogas e o Crime [ONUDC], em Cabo Verde, o álcool é a substância lícita mais consumida na população em geral e apresenta uma prevalência de consumo de 63,5% ao longo da vida, 53,1% no último ano e 42,5% nos últimos 30 dias (CCCD & ONUDC, 2013).

Segundo o Ministério da Saúde de Cabo Verde (2016) os dados do inquérito às despesas e receitas das famílias realizado pelo Instituto Nacional de Estatística de Cabo Verde em 2001, mostram que as famílias em Cabo Verde utilizam do seu orçamento, aproximadamente, a mesma percentagem em consumo de bebidas alcoólicas e em despesas de saúde, e relativamente às despesas de educação o orçamento destinado às bebidas alcoólicas representa quase o dobro.

Considerando que o artigo é focado no uso de álcool por crianças e adolescentes segue-se a clarificação destes dois conceitos.

A Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança, adotada pela Assembleia Geral da ONU em 20 de novembro de 1989, entrou em vigor em 2 de setembro de 1990 (UNICEF, 1989), sendo ratificada por 196 países, e por Cabo Verde em 1991, refere no artigo 1.º que criança é todo o ser humano com menos de 18 anos de idade. Porém, atendendo que o estudo se desenvolve em Cabo Verde, a definição de criança adotada é a referida no artigo 4.º do Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei n.º 50/VIII/2013 do Ministério da Juventude, Emprego e Desenvolvimento dos Recursos Humanos de Cabo Verde (2013) que considera como criança todo o indivíduo até completar os doze anos de idade. No mesmo documento define-se adolescente como sendo todo o indivíduo a partir dos doze anos e até que complete os dezoito anos de idade.

O conceito de uso precoce de álcool está associado a um consumo nocivo, definido como o consumo de álcool que causa danos à saúde física e psicológica e que engloba beber em idade precoce, ou seja, antes da idade mínima legalmente autorizada para o consumo (World Health Organization, 2014).

As razões que levam as crianças e os adolescentes a experimentarem álcool são muito diversificadas. Por exemplo, Gommans et al. (2017) referem que beber ajuda os adolescentes a tornarem-se populares ou a manterem a sua popularidade e evitar rejeição ou exclusão, acrescentando que beber álcool também é uma forma dos adolescentes se diferenciarem dos outros, fortalecendo o seu sentimento de ser o único que está agindo como adulto.

As crianças e os adolescentes, geralmente, são protegidos em termos legais, relativamente à venda, oferta e consumo de bebidas alcoólicas. No entanto, é necessário ter presente que as crianças e os adolescentes podem ser influenciados por muitos fatores para experimentarem álcool, sendo um dos principais, de acordo Longmore et al. (2022), os colegas e os amigos, no sentido de os quererem imitar em termos de atitudes e comportamentos.

A procura de popularidade é outro aspeto associado ao consumo de álcool pelos adolescentes. Segundo Gommans et al. (2017), a popularidade é uma dimensão importante do grupo de pares de adolescentes, sendo percebida pelos pares e refletindo prestígio e visibilidade. De acordo com os mesmos autores, e com base num estudo que envolveu uma amostra de 800 adolescentes, o maior consumo de álcool está associado aos adolescentes considerados mais populares.

3. Metodologia

O estudo envolveu crianças e adolescentes de duas turmas de alunos, uma do ensino básico e outra do ensino secundário, de escolas do Município de Tarrafal de São Nicolau, em Cabo Verde. O Município de Tarrafal de São Nicolau foi constituído em 2005, através da lei n.º 67/VI/2005, ocupa a região Sudoeste da Ilha de São Nicolau, tem uma superfície de 121,5 km² e uma população de 5 370 habitantes de acordo com o Censo 2010 (INE-CV, 2010).

O estudo, embora trate de avaliar percepções e opiniões dos respondentes, pode ser considerado, com características quantitativas, descritivas e interpretativas, pois está bastante focado na quantidade e frequência com que as opiniões dos sujeitos da amostra foram manifestadas, bem como na sua descrição e interpretação. Também pode ser considerado um estudo exploratório no sentido de se admitir poder ser replicado a outras populações e amostras.

A amostra, não aleatória, de crianças e adolescentes é constituída por 55 participantes de duas turmas de duas escolas, uma do ensino básico (1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º e 8.º anos) e outra do ensino secundário (9.º, 10.º, 11.º e 12.º anos). Dos sujeitos da amostra 31 (56,4%) frequentam o ensino básico e 24 (43,6%) frequentam o ensino secundário. Sobre o sucesso escolar constata-se que 25,5% já reprovaram, pelo menos uma vez, e que 74,5 % nunca reprovaram. As idades variam de 7 a 17 anos, sendo a média de 13,2 anos, a mediana de 14 anos e a moda de 17 anos. Relativamente ao sexo 40% são do sexo masculino e 60% são do sexo feminino. Sobre a residência, 20% residem no meio rural e 80% no meio urbano. O número de pessoas com quem vivem varia de um a 11, sendo o valor mais frequente quatro pessoas (18,2%), seguindo-se cinco pessoas (16,4%), duas pessoas (14,5%) e três pessoas (12,7%), cada uma das outras possibilidades representa menos de 10%. Acrescenta-se que apenas 19 (33,5%) vivem simultaneamente com o pai e a mãe. Os 69,5% que não vivem com os pais, ou apenas com um deles, justificam essa situação pelos seguintes motivos: separação/divórcio (34,5%), viver no estrangeiro (21,8 %), viver em outra ilha (9,1%), falecimento (1,8%), outra (1,8%).

No sentido de se respeitarem princípios éticos de imparcialidade, honestidade, clareza, objetividade e respeito pela dignidade da pessoa humana, foram realizados procedimentos éticos na recolha, tratamento e análise dos dados, nomeadamente, salvaguardar a identidade dos respondentes e os pedidos de autorização e colaboração às entidades e pessoas envolvidas no estudo.

O instrumento de recolha de dados foi um questionário construído pelos autores do estudo. Como salientam Hill e Hill (2002) a validade e a fiabilidade são duas características essenciais que devem preceder a construção de um questionário antes da sua aplicação. No entanto, atendendo a limitações temporais para esta investigação e procurando satisfazer as características necessárias para que os resultados com ele obtidos fossem válidos e fiáveis recorreu-se aos procedimentos sugeridos pelos mesmos autores para a verificação final de um questionário que consistem em solicitar a três especialistas para analisarem o questionário e darem a sua opinião sobre a clareza e a compreensão das questões que o constituem em função dos objetivos a atingir com a investigação. Depois da análise do questionário realizada por cada especialista e recolher as suas sugestões e correções, procedeu-se às respetivas alterações, com supressão de questões e alteração de outras, até se conseguir uma versão final com a concordância dos especialistas envolvidos e dos autores do estudo.

A administração do questionário decorreu durante o mês de junho de 2021, em plena crise sanitária devido à Covid-19. Por este motivo, deu-se especial atenção ao cumprimento escrupuloso de todas as medidas e recomendações de prevenção da propagação do vírus.

Os dados foram recolhidos e tratados recorrendo-se aos programas Informáticos Excel e SPSS. A apresentação dos dados e seu tratamento segue uma abordagem predominantemente descritiva e interpretativa.

4. Resultados

4.1. Contexto associado à experiência com álcool de crianças e adolescentes

São vários os fatores que influenciam os níveis e padrões de consumo do álcool. Para Fonseca (1999), constituem fatores de risco, todo e qualquer evento, situação, condição ou característica da criança ou do adolescente que aumente a probabilidade de ocorrência desse fenómeno, podendo estar associados ao meio em que a criança ou o adolescente estão inseridos e aos diferentes grupos com os quais se relacionam.

Os dados são provenientes das respostas a um questionário administrado a 55 sujeitos. Estes sujeitos foram reagrupados em dois grupos consoante a resposta dada à questão: Já alguma vez experimentou bebidas alcoólicas? (Sim/Não). Assim, constituiu-se o grupo 1 constituído por 24 sujeitos que responderam “sim”, ou seja, sujeitos que já experimentaram bebidas alcoólicas e o grupo 2 constituído por 31 sujeitos que responderam “não”, sujeitos que nunca experimentaram bebidas alcoólicas.

No sentido de identificar indicadores que permitam compreender o uso de álcool por crianças e adolescentes foram analisados, nos dois grupos e em simultâneo, os seguintes aspetos: idade e sexo dos sujeitos, nível de escolaridade que frequentam, retenção no percurso escolar, área de residência, número de pessoas com quem vivem, nível de escolaridade e atividade profissional dos encarregados de educação.

As características dos dois grupos relativamente à idade e ao sexo são apresentadas na Tabela 1.

Tabela 1*Caracterização dos grupos que experimentaram / não experimentaram bebidas alcoólicas*

Grupos	Idade (anos)				Sexo (%)	
	Mínimo	Máximo	Média	Mediana	Masculino	Feminino
Grupo 1 (n=24)	9	17	14,9	15	41,7	58,3
Grupo 2 (n=31)	7	17	11,9	12	38,7	61,3

Pela observação da Tabela 1, constata-se que a média (14,9 anos) e a mediana (15 anos) das idades do grupo 1 que experimentou álcool, são superiores às respetivas média e mediana 11,9 anos e 12 anos, respetivamente, do grupo 2 que nunca experimentou álcool. Os sujeitos que experimentaram álcool são tendencialmente mais velhos que os que não experimentaram.

Os dados relativos ao nível de escolaridade que frequentam são apresentados na Tabela 2.

Tabela 2*Nível de escolaridade que frequentam os sujeitos de cada grupo*

Grupos	Ensino Básico (%)	Ensino Secundário (%)
Grupo 1 (n=24)	37,5	62,5
Grupo 2 (n=31)	71,0	29,1

Considerou-se, neste estudo, para o Ensino Básico e Ensino Secundário os mesmos anos curriculares do Sistema de Ensino de Cabo Verde, ou seja, o Ensino Básico é constituído pelos anos: 1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º e 8.º anos e o Ensino Secundário pelos anos: 9.º, 10.º, 11.º e 12.º anos.

Pela observação da Tabela 2 constata-se que a maioria (62,5%) dos sujeitos que experimentou bebidas alcoólicas frequenta o ensino secundário, enquanto a maioria (71%) dos sujeitos que não experimentou bebidas alcoólicas frequenta o ensino básico.

Os dados relativos ao sucesso escolar são evidenciados em termos do número de retenções, isto é, número de sujeitos que reprovaram pelo menos uma vez, e são apresentados na Tabela 3.

Tabela 3*Retenção dos sujeitos da amostra por grupo*

Grupos	Ensino Básico (%)	Ensino Secundário (%)	Total de retenções (%)
Grupo 1 (n=24)	25,0	12,5	37,5
Grupo 2 (n=31)	13,0	3,0	16,0

Da observação da Tabela 3 constata-se que o grupo 1 que já usou álcool tem uma percentagem superior de retenções do que o grupo 2 que não usou álcool.

Relativamente à área de residência dos sujeitos da amostra, os do grupo 1 vivem 75% no meio urbano e 25% no meio rural, enquanto os do grupo 2 vivem 84% no meio urbano e 16% no meio rural. A maioria dos sujeitos de ambos os grupos residem no meio urbano.

Os dados relativos ao número de pessoas com quem vivem as crianças e os adolescentes são apresentados na Tabela 4.

Tabela 4*Número de pessoas com quem vivem os sujeitos da amostra*

Número de pessoas com quem vivem	0 a 2 (%)	3 a 5 (%)	6 a 8 (%)	9 a 11 (%)
Grupo 1 (n=24)	25,0	58,4	8,4	8,4
Grupo 2 (n=31)	19,4	38,7	35,5	6,4

Poderemos considerar que os sujeitos do grupo 1 vivem em agregados familiares, tendencialmente com menor número de pessoas, pois 83,4% vivem em agregados familiares que não ultrapassam as cinco pessoas, ou seja, apenas 16,8% vive em agregados familiares que variam de seis a 11 pessoas, enquanto mais de 41% dos sujeitos do grupo 2 vivem neste tipo de agregados familiares. Este facto não permite

indiciar que viver num agregado familiar com um número elevado de pessoas possa influenciar o uso de álcool.

Do grupo 1, vivem simultaneamente com o pai e a mãe 33,3% e do grupo 2 vivem em idêntica situação 35,5% dos sujeitos, o que implica que mais de 60% dos sujeitos de cada grupo vive separado de pelo menos um dos seus progenitores. As principais razões apontadas para este facto são: no grupo 1, separação/divórcio 41,7% e viver no estrangeiro 25%; no grupo 2, separação/divórcio 22,6%; viver no estrangeiro 19,4%, viver noutra ilha 16,1%. No grupo 1, sujeitos que experimentaram álcool, a percentagem de pais separados/divorciados é aproximadamente igual ao dobro dos sujeitos do grupo 2 que se encontra nesta situação.

No grupo 1 os encarregados de educação são: mãe (66,7%), pai (4,2%), pai e mãe (12,5%), avô/avó (8,3%), tio/a (8,3%); no grupo 2 os encarregados de educação são: mãe (48,4%), pai (16,1%), pai e mãe (22,6%), avô/avó (12,9%).

Os dados relativos à escolaridade dos encarregados de educação são apresentados na Tabela 5.

Tabela 5

Nível de escolaridade dos encarregados de educação dos sujeitos de cada grupo

Nível de escolaridade	Grupo 1 (n=24) (%)	Grupo 2 (n=31) (%)
Não sabe ler nem escrever	8,3	3,2
Sabe ler, mas não sabe escrever	8,3	16,1
Ensino Básico (1.º a 8.º ano)	50,0	51,6
Ensino Secundário (9.º a 12.º ano)	16,7	19,4
Ensino Superior	16,7	9,7

Em termos de habilitações dos encarregados de educação dos dois grupos constata-se diferenças mais acentuadas a favor do grupo 1 relativas ao ensino superior, pois neste grupo 16,7% possuem habilitação de nível superior, enquanto nos encarregados de educação do grupo 2, apenas 9,7% possuem este tipo de habilitação.

As atividades profissionais dos encarregados de educação são apresentadas na Tabela 6.

Tabela 6

Atividade profissional do encarregado de educação

Atividades profissionais	Grupo 1 (n=24) (%)	Grupo 2 (n=31) (%)
Comércio	8,3	6,5
Construção civil	25,0	9,7
Pesca/Agricultura/Pecuária	25,0	32,3
Professor	16,7	3,2
Serviço doméstico	12,5	9,7
Condutor	4,2	12,9
Outras	4,2	16,1
Não Respondeu	4,2	9,7

As atividades profissionais dos encarregados de educação dos dois grupos são bastante diversificadas, salientando-se grande representatividade das profissões Pesca/agricultura/pecuária em ambos os grupos, e as atividades na construção civil e de professor têm maior representatividade no grupo 1 do que no grupo 2.

Dos aspetos analisados, idade e sexo dos sujeitos, nível de escolaridade que frequentam, retenção no percurso escolar, número de pessoas com quem vivem, nível de escolaridade e atividade profissional dos encarregados de educação, os aspetos mais salientes são que as crianças e adolescentes que já experimentaram álcool são tendencialmente mais velhas e o número de crianças e adolescentes deste grupo que já alguma vez reprovou é superior ao número de crianças e adolescentes do grupo que não experimentou álcool.

Depois da apresentação de características que poderão influenciar o consumo precoce de álcool em crianças e adolescentes nos dois grupos, segue-se a apreciação dos dados provenientes dos 24 sujeitos do grupo 1, ou seja do grupo constituído pelos sujeitos que já experimentaram álcool.

4.2. Experiência de crianças e adolescentes com álcool

A apresentação dos resultados seguintes é orientada pelas respostas dadas ao questionário pelos sujeitos que já experimentaram álcool, ou seja, os resultados seguintes provêm de 24 sujeitos, sendo 4 crianças e 20 adolescentes. Como já foi referido, no contexto deste estudo designaram-se por crianças os sujeitos com idades até 12 anos e por adolescentes os sujeitos com idades superiores a 12 anos até aos 18 anos.

A distribuição das idades com que os sujeitos começaram a usar álcool é apresentada na Tabela 7.

Tabela 7

Idade com que experimentaram álcool

Idades (anos)	n	%
{5, 9, 10, 11, 12}	8	33,3
{13, 14, 15, 16, 17}	16	66,7

Constata-se que a idade mínima em que os sujeitos começaram a usar álcool foi de 5 anos e que um terço dos sujeitos usou álcool com idades até aos 12 anos, enquanto dois terços dos sujeitos tiveram a primeira experiência com álcool depois dos 12 anos de idade.

O local / contextos onde os sujeitos da amostra começaram a utilizar álcool apresentam-se na Tabela 8.

Tabela 8

Local/contexto onde experimentaram álcool pela 1.ª vez

Local/Contexto	n	%
Em casa	8	33,3
Na rua	2	8,3
Em casa de amigo / colega	1	4,2
Numa festa	13	54,2

Verifica-se que mais de 50% dos sujeitos experimentaram álcool em festas e mais de 30% na própria casa, constituindo, assim, a própria casa e as festas os locais mais representativos para um primeiro contacto com o álcool.

A Tabela 9 apresenta os dados sobre com quem estavam quando experimentaram álcool pela 1.ª vez.

Tabela 9

Com quem estavam quando experimentaram álcool pela 1.ª vez

Com quem estavas quando experimentaste álcool pela 1.ª vez	n	%
Familiares	4	16,7
Amigos/colegas	18	75,0
Só	2	8,3

A maioria, 75%, das experiências com álcool, ocorrida pela primeira vez, teve lugar na presença de amigos ou colegas.

O tipo ou nome da bebida experimentada pelos sujeitos da amostra são apresentados na Tabela 10.

Tabela 10

Tipo de bebida consumida a 1.ª vez

Tipo de bebida que consumiu a 1.ª vez	n	%
Cerveja	7	29,2
Vinho	4	16,7
Grogue	2	8,3
Ponche	7	29,2
Licor	3	12,5
Caipirinha	1	4,2

As bebidas mais utilizadas pelas crianças e adolescentes da amostra, ou seja, de Tarrafal de São Nicolau – Cabo Verde, quando iniciaram o primeiro contato com o uso de bebidas alcoólicas são a cerveja (29,2%), o ponche (29,2%), o vinho (16,7%) e o licor (12,5%).

Questionados sobre se alguma vez ficaram embriagados, apenas dois sujeitos responderam que sim, a que corresponde 8,3% o que significa que a grande maioria, 91,7%, nunca se embriagou.

Foram questionados sobre a forma como acediam às bebidas, verificou-se que 13 (54,2%) responderam que lhes eram oferecidas por familiares, três (12,5%) encontraram as bebidas em casa, dois (8,3%) foram-lhes oferecidas pelo pai ou pela mãe, um (4,2%) comprou na loja e cinco (20,8%) não responderam. Desta forma constata-se que o acesso às bebidas é maioritariamente realizado através de amigos.

O facto de os estudantes terem experimentado bebidas não permite inferir que continuem a consumir. Questionados sobre se consumiram bebidas alcoólicas no último ano, a maioria, 54,2%, afirmaram que não, tendo 41,7% afirmado que sim e 4,2% não respondeu. Sobre o tipo de bebida consumida referiram cerveja, ponche, caipirinha e vinho.

Os motivos que levam as crianças e os adolescentes a usarem bebidas alcoólicas, bem como a sua representatividade são apresentados na Tabela 11.

Tabela 11

Motivos que levam crianças e adolescentes a usarem bebidas alcoólicas

Motivos que levam as crianças e adolescentes a beber	n	%
Estar curioso (a) para descobrir a sensação	11	45,8
Sentir que estou a tornar-me adulto	1	4,2
Querer divertir-me e ter prazer	5	20,8
Desejar ser aceite e ficar bem com os meus amigos	3	12,5
Querer experimentar situações novas de risco e perigo	1	4,2
Fugir dos meus problemas (pessoais, familiares, relacionamentos)	1	4,2
Desejar ser alguém mais desinibido e ter menos timidez e vergonha	1	4,2
Não respondeu	1	4,2

Atendendo aos dados da Tabela 11 os principais motivos que levam crianças e adolescentes a beber álcool são a curiosidade (45,8%) e o prazer (20,8%), explícito nas frases: estar curioso(a) por descobrir a sensação; querer divertir-me e ter prazer.

Uma das preocupações de quem participa na educação das crianças e adolescentes é a de procurar conhecer se existem aspetos que possam ter influência sobre a apetência para usar álcool. Na Tabela 12 apresentam-se os dados relativos a esta problemática.

Tabela 12

O que influencia as crianças e os adolescentes a usarem bebidas alcoólicas

Influência para a apetência pelo consumo de álcool	n	%
Publicidades de bebidas alcoólicas na Televisão, rádio, revistas, posters	3	12,5
Fotos dos meus amigos nas redes sociais (como Facebook e Instagram) a beberem bebidas alcoólicas	3	12,5
Meus amigos/colegas estarem a beber bebidas alcoólicas quando estamos juntos	11	45,8
Conseguir com facilidade comprar bebidas alcoólicas	1	4,2
Festas tradicionais e festivais na minha localidade	3	12,5
A minha sociedade aceita e incentiva o uso de bebidas alcoólicas	1	4,2
Não respondeu	2	8,3

A principal influência para o consumo de álcool é proveniente dos amigos e colegas, opinião de 45,8% dos sujeitos, como é evidenciado pela frase: meus amigos/colegas estarem a beber bebidas alcoólicas quando estamos juntos.

Longmore et al. (2022), a partir de um estudo realizado com uma amostra de 825 adolescentes, com idades entre 12 e 19 anos, referem que os pais e os colegas são importantes fontes de influência para os adolescentes, acrescentando que a frequência de uso de álcool e os problemas com o álcool também são

influenciados pelo uso de álcool dos parceiros de namoro, sendo a influência mais forte nos adolescentes mais velhos e do sexo masculino.

Relativamente ao conhecimento que as crianças e os adolescentes possuem do álcool, 100% afirmaram ter um conhecimento muito básico.

Sobre o que sentiram quando experimentaram bebidas alcoólicas pela primeira vez, 25% traduziram a sensação como agradável, 33,3% como desagradável e 41,7% como muito desagradável.

A opinião sobre os efeitos do álcool foi manifestada por 54,2% como muito prejudicial, por 6,5% como prejudicial, por 8,3% como pouco prejudicial e 4,2% não respondeu. Relativamente aos benefícios do álcool para a saúde 100% dos sujeitos consideraram-no pouco saudável.

Acerca da frequência do consumo de álcool pela família dos sujeitos, utilizando uma escala do tipo Likert de quatro pontos, constatou-se que as famílias consumiam álcool: sempre (8,3%), às vezes (50%), raramente (37,5%) e nunca (4,2%). As bebidas consumidas por maior percentagem de famílias são: vinho (50%), cerveja (25%), grogue (20,8%) e ponche (4,2%). As pessoas que geralmente consomem bebidas alcoólicas na família são: pai (41,7%), tio(a) (25%), mãe (12,5%), padrasto (12,5%), pai e mãe (4,2%) e avô(ó) (4,2%). A família consome bebidas alcoólicas: em festas de família (41,7%), às refeições (29,2%), aos fins de semana (16,7%) e durante a semana (12,5%).

Em casa das famílias, 75% dos sujeitos afirmaram que existem bebidas disponíveis, enquanto 25% manifestaram o contrário.

A relação das famílias com o álcool deve ser considerada na educação das crianças para lidarem com o álcool. Neste sentido, de acordo com Mares et al. (2015), baseados num estudo realizado com uma amostra de 240 crianças dos 6 aos 9 anos, concluíram que as crianças têm ideias claras acerca das consequências positivas e negativas do uso do álcool entre adultos. No mesmo estudo é garantido que as crianças com seis anos de idade têm expectativas fiáveis e consistentes acerca das consequências do uso de álcool entre os adultos, sugerindo que as expectativas parecem ser mais negativas do que positivas para as crianças mais velhas.

5. Considerações finais

As variáveis que podem condicionar o dia a dia e o sucesso das crianças e dos adolescentes são muitas e diversificadas, das quais, geralmente aceite como prejudicial, sobressai o uso precoce de álcool. Assim, em função dos objetivos definidos para esta investigação, apresentam-se as principais conclusões.

Os resultados sobre o uso de álcool por crianças e adolescentes foram obtidos por questionário a partir de uma amostra de 55 crianças e adolescentes que frequentavam o ensino básico e o ensino secundário. Desses sujeitos, 24 afirmaram já ter usado álcool, constituindo o grupo 1 e 31 afirmaram nunca ter usado álcool, constituindo o grupo 2. Foram analisados aspetos dos dois grupos, procurando indicadores que ajudem a compreender este fenómeno.

Dos aspetos analisados, associados aos dois grupos, salienta-se que:

- A média das idades é superior no grupo que já experimentou álcool do que no outro grupo;
- A maioria dos sujeitos do grupo que experimentou álcool frequenta o ensino secundário e a maioria dos sujeitos que não experimentou álcool frequenta o ensino básico;
- O número de sujeitos que reprovou, pelo menos uma vez, é superior no grupo que já experimentou álcool do que no outro grupo;
- O número de pessoas com quem vivem é, tendencialmente, mais elevado no grupo que já experimentou álcool do que no outro grupo;
- O encarregado de educação mais representativo em cada grupo é a mãe, sendo em maior percentagem no grupo que já experimentou álcool;
- Os encarregados de educação do grupo que já experimentou álcool têm um nível de escolaridade mais elevado, ensino secundário e ensino superior, do que os do grupo que não experimentou álcool.

Dos resultados associados, apenas ao grupo 1, sujeitos que já experimentaram álcool, salienta-se:

- A idade mínima de uso de álcool é de 5 anos e um terço dos sujeitos usou álcool em idades não superiores a 12 anos. O local onde a maioria dos sujeitos experimentou álcool foi nas festas e em casa; A maioria dos sujeitos experimentou álcool na companhia de amigos ou colegas;

- As bebidas com que as crianças e adolescentes experimentam álcool são cerveja, ponche, vinho e licor;
- A maioria das crianças e adolescentes que já experimentou álcool garantem que nunca se embriagaram e que tem acesso às bebidas alcoólicas através de familiares;
- Os principais motivos que levam as crianças e os adolescentes a usarem bebidas alcoólicas são: estar curioso (a) para descobrir a sensação, querer divertir-se e ter prazer, desejar ser aceite e ficar bem com os amigos;
- As crianças e adolescentes são influenciados para o consumo de bebidas alcoólicas pelos amigos/colegas, publicidade feita às bebidas alcoólicas, pelas fotos dos amigos nas redes sociais e pelos contextos festivos e festivos;
- A maioria das crianças e adolescentes possui um conhecimento muito básico do álcool e quando experimentaram bebidas alcoólicas pela primeira vez sentiu uma sensação desagradável ou muito desagradável. Referem, ainda, que o álcool é muito prejudicial à saúde.

O estudo realizado pode ser um bom contributo para compreender melhor a relação das crianças e dos adolescentes com o álcool, atendendo que existe uma percentagem demasiado elevada de crianças e adolescentes a usarem álcool em idade precoce.

Embora os resultados do estudo não possam ser generalizados, atendendo à dimensão da amostra e ao modo como foi selecionada, no entanto, será interessante fazer outros estudos que permitam estudar a situação real deste país, pois quando se selecionam duas turmas de crianças e adolescentes e se constatou que 43,6% já tiveram experiências com o álcool, justifica-se que outros estudos sejam realizados para conhecer e compreender mais profundamente a dimensão do problema. Estes resultados também poderão ser úteis para justificar a necessidade de acompanhar as crianças e os adolescentes em termos de prevenção de comportamentos desviantes que possam condicionar o desempenho escolar, a educação e a saúde.

Agradecimentos ou Financiamento

Este trabalho foi financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito dos projetos do CIEC (Centro de Investigação em Estudos da Criança da Universidade do Minho) com as referências UIDB/00317/2020 e UIDP/00317/2020.

Referências

- Baldwin, R., Miller, P., Coomber, K., Patafio, B., & Scott, D. (2022). A systematic narrative review of the effects of alcohol supply reduction policies on children and adolescents. *International Journal of Drug Policy*, 101, 1-17.
- CCCD & ONUDC. (2013). *I inquérito nacional sobre a prevalência de consumo de substâncias psicoativas na população geral*. <https://www.ccad.cv/site/index.php/publicacao/send/8-estudos-sobre-drogas/26-estudo-sobre-prevalencia-drogas-populacao-geral>
- Faustino, M., Rosabal, M., Moniz, J., Gonçalves, A., Matos, M., Marques, V., Gaspar, T., & Torgal, J. (2005). *A saúde e estilo de vida dos adolescentes cabo-verdianos frequentando o ensino secundário*. Universidade Nova de Lisboa, Instituto de Higiene e Medicina Tropical.
- Fonseca, V. (1999, jul.-set). Exclusão escolar como processo de exclusão social: Algumas reflexões sociológicas sobre as dificuldades de aprendizagem. *Revista Infância e Juventude*, 3, 71-88.
- Gommans, R., Müller, C., Gonneke, W., Stevens, G., Cillessen, A., & Bogt, T. (2017). Individual Popularity, Peer Group Popularity Composition and Adolescents' Alcohol Consumption. *Journal of Youth and Adolescence*, 46, 1716–1726.
- Hill, M. & Hill, A. (2002). *Investigação por questionário* (2.ª ed.). Edições Sílabo. Lda.
- INE-CV. (2010). *Censo 2010*. <https://ine.cv/censo-2010>
- Jackson, C., Ennett, S., Dickinson, D., & Bowling, J. (2013). Attributes that Differentiate Children Who Sip Alcohol from Abstinent Peers. *Journal of Youth and Adolescence*, 42, 1687–1695.
- Jernigan, David H. & WHO-Management of Substance Dependence Team. (2001). *Global status report: alcohol and young people* / David H. Jernigan. World Health Organization. <https://apps.who.int/iris/handle/10665/66795>
- Kuntsche, E., & Kuntsche, S. (2019). Parental drinking and characteristics of family life as predictors of pre-schoolers' alcohol-related Knowledge and norms. *Addictive Behaviors*, 88, 92-98.

Longmore, M., Severeid, E., Manning, W., Giordano, P., Clemens, W., & Taylor, H. (2022). Adolescents' frequency of alcohol use and problems from alcohol abuse: Integrating dating partners with parent and peer influences. *Journal of Youth and Adolescence*, 51, 320–334.

Mares, S., Stone, L., Litchwarck, A., & Engels, R. (2015). Alcohol expectancies in young children and how this relates to parental alcohol use. *Addictive Behaviors*, 45, 93-98.

Ministério da Juventude, Emprego e Desenvolvimento dos Recursos Humanos de Cabo Verde. (2013). *Estatuto e do adolescente – ECA*, Lei nº 50/VIII/2013, Boletim Oficial, I Série, nº 70, de 26 de dezembro. <https://www.dol.gov/sites/dolgov/files/legacy-files/submissions/CaboVerde20141204.pdf>

Ministério da Saúde de Cabo Verde. (2012). *Plano Nacional de Desenvolvimento Sanitário 2012-2016*. <https://www.insp.gov.cv/index.php/documentos/outors-documentos/36-plano-nacional-de-desenvolvimento-sanitario-2012-2016-volume-ii/file>

Ministério da Saúde de Cabo Verde. (2016). *Plano Estratégico Multisectorial de Combate aos Problemas Ligados ao Álcool em Cabo Verde*. Cidade Velha. <https://www.minsaude.gov.cv/index.php/documentosite/eventos/encontro-de-trabalho-do-ministerio-da-saude-e-da-seguranca-social-realiza-durante-esta-semana-de-8-a-12-de-agosto-de-2016-1/356-apresentacao-plano>

Mustonen, A., Alakokkare, A., Salom, C., Hurtig, T., Levola, J., Scott, J., Miettunen, J., & Niemelä, S. (2021). Age of first alcohol intoxication and psychiatric disorders in young adulthood – A prospective birth cohort study. *Addictive Behaviors*, 118, 1-16.

Organização das Nações Unidas. [ONU] (2018). Perspectiva global, reportagens humanas. *ONU News*. <https://news.un.org/pt/story/2018/09/1639072>

UNESCO. (2017). *Good policy and practice in health education: Education sector responses to the use of alcohol, tobacco and drugs*. <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000247509>

UNICEF. (1989). *Convenção sobre os Direitos da Criança*. <https://www.unicef.org/brazil/convencao-sobre-os-direitos-da-crianca>

World Health Organization. (2014). *Relatório mundial sobre álcool e saúde 2014*. <http://www.cisa.org.br/artigo/4429/relatorio-global-sobre-alcool-saude-2014.php>

World Health Organization. [WHO] (2018). *Global status report on alcohol and health*. https://www.who.int/substance_abuse/publications/global_alcohol_report/en